

Sementes... Refletindo sobre os frutos de uma trajetória profissional

Luzia Iara Pfeifer

Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Universidade de São Paulo – USP,
Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Resumo: Este ensaio é parte do memorial apresentado como requisito para o primeiro concurso de Professor Livre-Docente em Terapia Ocupacional, junto ao Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Tem como objetivo narrar as reflexões que descrevem minha trajetória pessoal e profissional, semeada durante estes 30 anos, desde minha graduação em terapia ocupacional. Descrevo os caminhos percorridos com determinação e empenho, e também os acasos que desviam as rotas, mas apresentam grandes oportunidades de aprendizagem. Tais caminhos foram semeados com práticas, ensino e pesquisa na atenção à criança e o papel da terapia ocupacional, os quais deram como frutos a formação de diversos terapeutas ocupacionais, algumas produções científicas, contribuindo para esta área de conhecimento e, mais recentemente, a formação de pós-graduandos, em dois programas de pós-graduação distintos, que reúnem, em nosso grupo de pesquisa, além de terapeutas ocupacionais, outros profissionais de áreas afins. Acredito que este ensaio sirva como motivação para que outros profissionais superem dificuldades similares às minhas e que possam, assim, contribuir ainda mais para o desenvolvimento da terapia ocupacional no Brasil.

Palavras-chave: *Terapia Ocupacional, Pesquisa, Desenvolvimento Infantil, Estudos de Validação.*

Seeds... Reflecting on the fruits of a professional career

Abstract: This essay is part of the memorial presented as a requirement of the first Public Examination for the position of Full Professor in Occupational Therapy at the Department of Neuroscience and Behavioral Sciences of Ribeirão Preto Medical School, University of São Paulo. The aim is to narrate a reflection that describes my personal and professional life trajectory during these 30 years since my degree in Occupational Therapy. I describe the paths travelled with determination and commitment, and also the eventualities that cause deviations in the route, but provide great learning opportunities. These paths were sown with practice, lecturing and research on childcare and on the role of occupational therapy. The fruits include the undergraduate training of many occupational therapists, some scientific productions in this area of knowledge and, more recently, the postgraduate training of students in two distinct graduate programs that gather practitioners of occupational therapy and other related fields in our research group. I believe this essay will contribute to motivate other professionals to overcome difficulties similar of mine and to further contribute to the development of occupational therapy in Brazil.

Keywords: *Occupational Therapy, Research, Infant Development, Validation Studies.*

1 Apresentação

Dando prosseguimento à publicação da trajetória dos pesquisadores, pelos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, apresento parte de meu memorial elaborado para o primeiro concurso de Professor Livre-Docente, junto ao Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento – Divisão de Terapia Ocupacional, na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, no ano de 2015.

Esta é uma tarefa de trazer à memória todos os aspectos importantes de uma trajetória acadêmica, buscando identificar o que tem feito nexos neste emaranhado de conhecimento. Memórias sempre marcadas de emoções, que se fizeram presentes através de pessoas – sejam elas professores, pacientes, colegas, cuidadores, mas, acima de tudo, seres humanos – que não estão aqui somente de passagem, mas que vieram cumprir seu papel nessa história, contribuindo para um mundo melhor.

2 O Começo Foi Assim...

Meu Colegial (hoje, Ensino Médio) foi realizado em uma instituição particular, pois, nesse período, começava o sucateamento do ensino público e, apesar das dificuldades financeiras do momento, meu pai pagou meus estudos, visando ao ingresso futuro em uma universidade pública. Realizei um teste vocacional, o qual indicou, como primeira opção, terapia ocupacional, mas não dei atenção, pois sempre pensei em fazer psicologia. Inscrevi-me para o vestibular de psicologia da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto (Fuvest) e, para minha surpresa, fui reprovada na segunda fase. Foi uma enorme decepção, pois até então nunca havia ficado ao menos de recuperação. Iniciei o cursinho e, ao final do primeiro bimestre de 1982, resolvi me inscrever para o vestibular da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para ir treinando. Mas, em qual curso? Na área da saúde, havia três opções: enfermagem, fisioterapia e terapia ocupacional. Descartei o curso de enfermagem e passei a buscar informações sobre fisioterapia e terapia ocupacional. Li sobre as profissões e fui visitar alguns profissionais que atuavam nas áreas, o que me ajudou a optar pela terapia ocupacional.

Fui aprovada no vestibular, mas pensei em não me matricular; entretanto, a coordenadora pedagógica da escola, Marina Povoas, sugeriu que eu experimentasse a graduação e, paralelamente, frequentasse o cursinho para o vestibular do final do ano. Mudei-me para São Carlos e, a cada dia,

me interessava mais pelo curso, cheio de vivências e explorações, além das grandes amizades: Ana Cláudia Pinto, Vânia Sanches e Laura Lavorato.

Não consegui fazer o cursinho, pois a graduação era período integral. Mesmo assim, me inscrevi no vestibular da Fuvest, pois não era isso o que eu queria? Achava pouco provável que eu passasse, mas lá fui eu... Pelo fato de não ter a cobrança (minha mesma) em ter de passar, realizei as provas de modo menos preocupado e acabei passando... E lá fui eu para a USP-Ribeirão Preto... E, as aulas começaram... Era tudo muito diferente daquilo que eu imaginava, as experiências com ratos eram horríveis e passei a questionar minha verdadeira vocação. Procurei apoio pedagógico e psicológico que o curso oferecia, e fui tendo a clareza de que meus objetivos profissionais se encaixavam muito mais em terapia ocupacional do que em psicologia. Concluí o primeiro semestre, tranquei a matrícula e voltei para São Carlos, quando, confesso, realmente iniciei minha formação profissional.

3 Trilhando Rumo à Profissão

Retornando a São Carlos, consegui permanecer cursando boa parte das disciplinas com minha turma (82 e meio), o que foi fundamental para mim, já que as amigas nos alimentam todos os dias. Iniciei um estágio extracurricular em terapia ocupacional junto ao setor de pediatria da Santa Casa de Misericórdia, coordenado pela professora Rosângela Pugliese, e em 1984, durante uma das muitas greves que ocorriam na UFSCar, realizei um estágio no instituto Allan Kardec, em Rio Claro, o qual abrigava meninas abandonadas ou vitimizadas, que apresentavam déficit cognitivo ou de aprendizagem, sendo supervisionada pela terapeuta ocupacional Maria Cristina Capellato. Ambas as experiências reafirmaram minha afinidade com a prática profissional junto à população que seria, futuramente, o foco de minhas intervenções, pesquisas e ensino, e minha paixão.

Em 1985, junto com minha amiga Laura Lavorato, fui monitora da disciplina Atividades Expressivas, ministrada pelas professoras Lea Beatriz Teixeira Soares e Cristina Yoshie Toyoda. Posteriormente, a professora Cristina convidou-me para auxiliá-la na coleta de dados, em sua pesquisa de mestrado, junto a hansenianos (TOYODA, 1987). Naquela época, não havia a exigência de um trabalho de conclusão de curso e não era comum alunos de graduação em terapia ocupacional participarem de projetos de iniciação científica, já que apenas uma docente no curso da UFSCar, a Profa. Dra. Maria Luisa Guilhaumon

Emmel, possuía mestrado (EMMEL, 1984) e estava cursando o doutorado (EMMEL, 1990). Ela era – e ainda é –, para mim, um exemplo a ser seguido e admirado. Estas duas experiências com o ensino e a pesquisa sinalizaram um novo horizonte após a graduação

Concluí o curso de graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar em dezembro de 1986, seis meses após minha turma colar grau, o que possibilitou que eu realizasse outros estágios extracurriculares na área da infância (dois em neuropediatria e um em deficiência mental).

Em fevereiro de 1987, fui contratada para trabalhar no Consórcio de Promoção Social do Escritório Regional do Governo de Rio Claro (CSERGR), onde atuava junto a uma equipe multidisciplinar, formada por duas terapeutas ocupacionais, uma assistente social e duas psicólogas, atendendo crianças em diferentes instituições asilares. No ano seguinte (1988), a UNESP de Rio Claro passou a oferecer um curso de especialização *Lato Sensu* em Desenvolvimento Humano e Motricidade, sendo para mim uma oportunidade de capacitação para o ensino e a pesquisa, paralelamente ao meu trabalho no CSERGR.

Ao final de 1988, meu interesse em atuar como docente no curso de terapia ocupacional era grande e, naquela época, era possível atuar como docente apenas com a graduação. Assim, entrei em contato com a Profa. Cristina Toyoda, que me informou que a Fundação Educacional do Pará (FEP), em Belém, estava realizando concurso público para o curso de Terapia Ocupacional. Entrei em contato com a professora Liane Nishi, coordenadora do referido curso, mas o concurso já havia sido realizado. Entretanto, em função do grande número de vagas e da pequena divulgação, ainda havia algumas vagas e novo processo seletivo ocorreria através de análise de *curriculum vitae*. Elaborei meu currículo em máquina de datilografia, pois computador, naquela época, era somente para grandes empresas, e o enviei pelos correios, na medida em que ainda não existiam os e-mails. Fui selecionada e, no dia 22 de fevereiro de 1989, cheguei em solo paraense.

4 Belém, Belém... O Calor do Carimbó

Minha chegada em Belém foi peculiar. Percebi de imediato aquele calor, quente e úmido, que quase me impedia de respirar. No dia seguinte, fui até à FEP, juntamente com a professora Liane Nishi. Era um belo prédio, quase às margens da Baía do Guajará.

O curso de graduação em Terapia Ocupacional estava em formação e havia muitos professores jovens e empenhados em construir um projeto pedagógico de qualidade. Confesso que o início foi muito difícil: havia a distância e a saudade de meus familiares, um novo local, novos amigos, diferentes costumes... Pensei em desistir, mas a paixão pelo ensino me fez persistir e continuar nesse caminho, além do fato de os paraenses serem, em sua grande maioria, muito afetivos e acolhedores.

Meu contrato na FEP foi de um ano e, em 1990, realizei o concurso público, sendo aprovada como docente na disciplina terapia ocupacional aplicada às condições sensoriais. Passei a ministrar diversas disciplinas com enfoque na área da infância, participei de comissões para reestruturação e reforma curricular, elaboração do manual de estágio, além de assumir a função administrativa, como coordenadora do estágio curricular. Desde o início de minha prática docente, procurei participar de cursos de formação complementar, consciente da importância deste processo contínuo de aprendizagem, principalmente aquele relacionado ao processo de ensino-aprendizagem.

Após três anos em Belém, ingressei no mestrado em Educação Especial da UFSCar, tendo a possibilidade de ser orientada por uma terapeuta ocupacional que era minha referência desde a graduação, a Profa. Dra. Maria Luisa Guilhaumon Emmel. Enfim, um enorme privilégio. O afastamento integral da FEP possibilitou dois anos de imersão nos estudos e na pesquisa. Minha dissertação teve como objetivo verificar a relação do comprometimento motor com as habilidades cognitivas de crianças com paralisia cerebral (PFEIFER, 1994, 1997).

Neste período, aproveitei para cursar a especialização em tratamento neuroevolutivo – método Bobath, com a precursora no método aqui no Brasil, Sonia Gusman. Este conhecimento era útil tanto no processo de ensino de habilidades procedimentais aos meus alunos de graduação quanto para minha prática profissional, pois como o meu contrato com a FEP não era de dedicação exclusiva, desde os primeiros meses de minha chegada em Belém, passei a realizar atendimentos domiciliares de crianças com alterações neurológicas e cognitivas, principalmente paralisia cerebral.

Minhas experiências em sala de aula sempre foram muito motivadoras e tive a sorte de ficar responsável – quase que somente – por disciplinas na área da infância. Inicialmente, por falta de capacitação docente, passei a utilizar o modelo baseado na transmissão de conhecimentos; assim, minhas aulas eram somente expositivas e eu buscava a transmissão da maior quantidade de conteúdo

possível, acreditando que essa era a melhor forma de capacitar os estudantes de terapia ocupacional. Aos poucos, fui percebendo que estava enganada e, principalmente através destes questionamentos, defini meu objetivo de pesquisa para o doutorado, que era trabalhar com a aprendizagem baseada em problemas (*Problem Based Learning* – PBL), na formação de terapeutas ocupacionais. Em 1995, iniciei o doutorado em Metodologia de Ensino na UFSCar sob a orientação da Profa. Dra. Maria Benedita Lima Pardo. A partir da pesquisa de doutorado, passei a utilizar a metodologia da aprendizagem baseada no problema, assumindo o papel docente de facilitador do processo de aprendizagem.

Consegui concluir os créditos de disciplinas em um ano e, em 1996, retornei à UEPA¹ para realizar minha coleta de dados. Na semana seguinte ao meu retorno, conheci, no coral da universidade, uma pessoa muito especial, Ronaib, e a musicalidade nos envolveu. Sua companhia alegre e despreocupada possibilitou que eu trabalhasse com mais satisfação e que eu me arriscasse em novos voos.

Desde meu retorno, passei também a ministrar algumas disciplinas em diversos cursos de especialização, além de assumir algumas funções administrativas, participando de comitês, comissões, colegiados e coordenações. Comecei a experimentar o papel de orientadora, através de trabalhos de conclusão de curso (TCC), de iniciação científica e também de especialização, sem possuir uma linha de pesquisa definida, desde que se abordasse a área da infância e da adolescência ou a temática da formação profissional. Dentre as orientações, destaco meu orientando Daniel Marinho Cezar da Cruz, produzindo algumas publicações (CRUZ; PFEIFER, 2003, 2004, 2007). E hoje tenho orgulho de dizer que ele é professor doutor da UFSCar.

Paralelamente às atividades de ensino e à pesquisa do doutorado, ampliei meus atendimentos em neuropediatria, abrindo uma clínica de reabilitação juntamente com outras amigas e profissionais (Lúcia Chaves, Rogéria Araújo, Socorro Alencar), com o nome de SEHARA – Serviço Especializado em Habilitação e Reabilitação.

Concluí minha tese em 1999 (PFEIFER, 1999, 2000, 2001) e, no dia 6 de novembro deste mesmo ano, eu e o Ronaib nos casamos. No início de 2001, soube da abertura de concurso público para o curso de graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) e a possibilidade de me dedicar somente ao ensino e à pesquisa motivou-me a fazer a inscrição. Entretanto, logo em seguida, fui convidada a participar da elaboração do mestrado

em Motricidade Humana na UEPA e, desta forma, desisti de participar do concurso. Passei a ministrar as disciplinas de metodologia científica e epistemologia da educação especial, além de orientar cinco mestrandos (Rogéria Araújo Pimentel Monteiro, Emanuel de Jesus Soares de Sousa, Simone de La Rocque Cardoso, Mariléia Araújo da Silva e Rosane Maria Carneiro dos Santos), todos docentes da UEPA, produzindo algumas publicações (SILVA; PFEIFER, 2007; CARDOSO; PFEIFER, 2005; PIMENTEL; PFEIFER, 2005). No entanto, minhas pesquisas eram restritas às orientações, já que não havia muito incentivo para isso na UEPA. Dessa forma, como não atuava em regime de dedicação exclusiva, permanecia mais tempo na clínica que na universidade.

Em novembro de 2001, descobri que estava grávida da linda Sophia, que nasceu em julho de 2002 e, portanto, minha vida precisaria mudar... Comecei a repensar sobre meu ritmo de trabalho, a necessidade da atenção ao seu desenvolvimento infantil e a importância do papel de mãe, afinal eu ensinava e orientava outras pessoas a este respeito.

Deste modo, me inscrevi na nova oportunidade de concurso para o curso de graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP).

5 Uma Chegada Hesitante

Em junho de 2003, realizei o concurso e, apesar do nervosismo, foi um processo bastante tranquilo, pois havia apenas uma prova didática, cujo tema era de escolha do candidato, e a arguição do currículo. Fui aprovada e convocada a assumir minhas funções acadêmicas em agosto. Eu acreditava tanto que conseguiria ser aprovada no concurso que já havia deixado toda a documentação necessária para o encerramento do SEHARA e me despedido das minhas lindas crianças. Esse foi o momento mais difícil e ainda me emociono ao lembrar. Vendemos nosso apartamento em Belém e compramos uma linda casa em Ribeirão Preto, onde plantamos uma mangueira² no quintal.

Entretanto, o resultado não pôde ser homologado, pois uma candidata entrou com uma ação liminar contra o concurso. Ficamos desorientados, o que fazer? Como o curso de Terapia Ocupacional da FMRP – USP contava com apenas duas docentes (Profa. Dra. Adriana Sparenberg de Oliveira e Profa. Dra. Valéria Meirelles Carril Elui), o Prof. Dr. Airton Custódio Moreira e o Prof. Dr. Antônio Waldo Zuardi (respectivamente, diretor e vice-diretor da Faculdade) conseguiram, através da Fundação de Apoio ao

Ensino, Pesquisa e Assistência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FAEPA), uma bolsa (com duração de seis meses) de pesquisadora e colaboradora, para que eu pudesse assumir duas disciplinas nos cursos de Terapia Ocupacional e Fisioterapia (Psicomotricidade e Vivências Profissionais) no segundo semestre de 2003 e desenvolver a pesquisa “Terapia de integração sensorial para crianças portadoras de paralisia cerebral”.

Em novembro deste mesmo ano, participei novamente de um processo seletivo, pois isto seria mais rápido do que aguardar os trâmites na justiça. Este processo foi mais tenso e rigoroso, com arguição do memorial e uma prova didática e outra teórica com sorteio de temas, no qual sorteei assuntos bem distantes de minha experiência profissional. Fui aprovada novamente, assumindo o cargo de Professor Doutor em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa em março de 2004. Em 2008, realizei novamente o concurso de efetivação, sendo aprovada em 04 de junho.

6 Ensinando, Brincando, Intervindo

Trabalhar na FMRP – USP tem sido uma ótima experiência. Estar em sala de aula é motivador, principalmente sabendo que posso contribuir para a formação de futuros terapeutas ocupacionais, os quais multiplicarão os atendimentos a crianças e adolescentes com alterações no desempenho ocupacional. As práticas de ensino utilizando a aprendizagem baseada no problema e metodologias ativas de ensino e aprendizagem contribuem para uma maior integração entre teoria e prática.

A possibilidade de realizar atividades práticas no complexo do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - HCFMRP (enfermarias pediátricas, Centro de Reabilitação (CER), Centro Integrado de Reabilitação (CIR) e Unidade de Emergência) me mantém atenta à realidade e as atividades de ensino, extensão e pesquisa são organizadas para crianças, adolescentes e seus cuidadores, que revelam dores, emoções, conflitos, questões econômicas e culturais, que impactam na ocupação.

Os projetos de extensão universitária que coordenei neste período (*Caixa de História, Brincando na sala de espera do CER e T.O. Esperando no HCCriança*) têm capacitado graduandos de terapia ocupacional para atuar junto a crianças hospitalizadas ou em contexto ambulatorial, aprofundando seus conhecimentos

sobre desenvolvimento infantil e o processo de hospitalização. Possibilita-se, dessa forma, uma experiência de ação em uma instituição hospitalar, além de estimular o contato com outros profissionais da saúde (GARCIA; PFEIFER; PANUNCIO-PINTO, 2012; GARCIA-SCHINZARI et al., 2014).

Tenho assumido algumas funções administrativas, que são uma das atribuições de docentes em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, dentre as quais, destaco a Coordenação do Serviço de Terapia Ocupacional na área da Infância e Adolescência do HCFMRP - USP (2004-2010) e a Coordenação do Serviço de Terapia Ocupacional na área da Infância e Adolescência do HCCriança, a partir de 2015. Este último constitui um projeto bem amplo, que envolve ambulatorios, brinquedoteca e enfermarias ainda em fase de implantação.

7 Levantando Perguntas, Investigando e Divulgando

Em 2004, realizei um levantamento sobre as avaliações do comportamento lúdico de crianças pré-escolares utilizadas por terapeutas ocupacionais e entrei em contato com as autoras da Escala Lúdica Pré-Escolar de Knox Revisada (Dra. Susan Knox), da Avaliação do Comportamento Lúdico (Dra. Francine Ferland) e da Avaliação do brincar de faz de conta iniciado pela criança – ChIPPA (Dra. Karen Stagnitti). Todas me responderam prontamente, sendo que a Dra. Susan Knox autorizou a realização do processo de adaptação transcultural da escala (PACCIULIO; PFEIFER; SANTOS, 2010, 2012); a Dra. Ferland informou que a Profa. Maria Madalena Sant’Anna estava realizando o processo de adaptação da escala, com quem estabeleci contato (SANT’ANNA; BLACOVASSIS; MAGALHÃES, 2008; SANT’ANNA et al., 2015), e a Dra. Stagnitti informou que estava finalizando a escala, a qual, posteriormente, me enviaria.

Neste mesmo ano, criei o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Terapia Ocupacional, Infância e Adolescência – LEPTOI, cujo objetivo inicial era criar um espaço de discussão e pesquisa sobre a área de terapia ocupacional infanto-juvenil. Em 2007, com a chegada da Profa. Daniela Baleroni Rodrigues Silva, e em 2008, da Profa. Dra. Maria Paula Panúncio Pinto, o LEPTOI foi ampliado e passou a reunir ações e projetos de pesquisa, ensino e extensão, buscando integrar aspectos clínicos e sociais, a partir de duas linhas centrais de pesquisa: 1) **Formação profissional**, a qual tem como objetivos analisar o processo de formação profissional do graduando em terapia ocupacional e avaliar metodologias e estratégias de

ensino que contribuam para o desenvolvimento de habilidades de raciocínio clínico e a reflexão sobre a ação; 2) **Desempenho ocupacional de crianças e adolescentes em diferentes contextos**, a qual tem como objetivos estudar o desempenho ocupacional de crianças e adolescentes nas AVDs, AVPs, no Brincar, na Educação e no Lazer, e identificar a influência dos contextos no desempenho destas ocupações. O LEPTOI foi cadastrado como um grupo de pesquisa do CNPq, em 2008.

Aos poucos, fui retomando as orientações: inicialmente, de trabalhos de conclusão de curso; em seguida, de iniciação científica (com bolsas do CNPq, Santander, COSEAS e FAPESP) e, finalmente, de pós-graduação, o que foi possibilitando novas publicações (PFEIFER et al., 2008, 2011b, 2011d, 2013; RABONI; SILVA; PFEIFER, 2012; PEREIRA et al., 2012; RAFAINI et al., 2012; SANTOS et al., 2011; PFEIFER; MARTINS; SANTOS, 2010; SANTOS; PACCIULIO; PFEIFER, 2010; PFEIFER; ROMBE; SANTOS, 2009; ESPINOSA; PFEIFER, 2009; PFEIFER; SILVA, 2008; PFEIFER; DEFINA, 2008; GRIGOLATTO et al., 2008).

Em novembro de 2006, foi aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq o projeto de pesquisa “Influência do ambiente familiar no comportamento lúdico de crianças com paralisia cerebral em situação de vulnerabilidade social”, relacionando dois temas de meu interesse: o brincar e a paralisia cerebral. Entrei em contato novamente com a Dra. Stagnitti, que autorizou o processo de adaptação transcultural do ChIPPA, o que possibilitou o desenvolvimento de três iniciações científicas e o *start* para o meu futuro pós-doutorado.

Apesar de minha experiência no mestrado em Motricidade Humana na UEPA, ser inserida na pós-graduação na FMRP-USP não foi fácil. O departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, no qual se insere a divisão de terapia ocupacional, possui dois programas de pós-graduação, o de saúde mental e o de neurologia. Ambos os programas são considerados de excelência, com nota 7 da CAPES, o que aumenta os critérios de exigência para o credenciamento de orientadores.

Iniciei ministrando a disciplina “*Desenvolvimento infantil e saúde pública*”, em 2006, no programa de pós-graduação em saúde na comunidade da FMRP – USP. De 2007 a 2009, participei como co-orientadora³ de Patrícia Páfaro Anhão, a convite de seu orientador Prof. Dr. Jair Lício dos Santos. Ela desenvolveu a dissertação: “O Processo de Interação Social na Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down em Educação Infantil” (ANHÃO;

PFEIFER; SANTOS, 2010, 2011; LUCISANO et al., 2011, 2013; VALDÍVIA-LUCISANO et al., 2013). Trabalhar com o professor Jair foi – e tem sido – uma experiência enriquecedora, pois o mesmo é extremamente competente e generoso, sempre me apoiando e ensinando.

Em 2007, fui convidada pela terapeuta ocupacional Rogéria Pimentel Araújo Monteiro para ser sua co-orientadora no doutorado em Ciências do Desporto, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). Trabalhamos com a elaboração de um *checklist*, baseado na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), para identificar o desempenho funcional e social de adultos amputados de membros inferiores (MONTEIRO et al., 2013, 2014). Esta foi uma experiência bastante interessante, pois, apesar de não ter como foco a criança, trabalhar com o desenvolvimento de um novo protocolo abriu uma nova vertente em minhas pesquisas.

Em 2008 e 2009, colaborei com a disciplina “*Neurodesenvolvimento*” no programa de pós-graduação em Neurologia, a convite da Profa. Dra. Carolina Rodrigues Funayama, a qual favoreceu meu credenciamento em 2009 como co-orientadora de doutorado de Daniela Baleroni Rodrigues Silva, com a pesquisa “Relação entre a função motora grossa e a habilidade manual no desempenho de tarefas de autocuidado e a mobilidade de crianças com paralisia cerebral”.

Ainda em 2009, o projeto de pesquisa *O brincar de crianças escolares em diferentes contextos* foi aprovado na chamada do Edital Universal do CNPq; fui convidada a colaborar com o programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional-PPGTO da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, participando das reuniões de discussão para implantação do programa. Submeti minha proposta de estágio de pós-doutoramento ao CNPq e à CAPES, conseguindo a aprovação de ambos, mas declinando do CNPq.

A possibilidade de realizar estágio de pós-doutoramento em outro país oferece ao pesquisador uma riqueza de experiências que vão muito além da realização de pesquisas e estudos sobre determinado tema. Morar em outro país e conviver com uma nova equipe de trabalho – com ritmos, objetivos, hábitos, idioma e cultura diferentes – favorecem uma oportunidade única de aprendizado, influenciando em futuras pesquisas e práticas de ensino.

Minha experiência foi realmente marcante. Ao chegar à Austrália, em 2010, a Dra. Karen Stagnitti estava nos esperando no aeroporto e já

havia providenciado, além de moradia, uma escola e material escolar para minha filha. A casa que ficamos possuía uma vista privilegiada. Os proprietários Heather e Ramon eram muito amáveis e tinham por hábito alugar parte da casa; assim, tínhamos alguns espaços privativos e outros, como cozinha e área de serviço, compartilhados. A escola da Sophia ficava a quatro quadras da casa e a parada de ônibus, para ir para as demais localidades, a cinco quadras.

Apesar de sensação de *jet lag*, pois são 13 horas de diferença de fuso horário além das mais de 36 horas de viagem, iniciei minhas atividades na *Deakin University* um dia após minha chegada. A universidade me ofereceu uma boa estrutura para o trabalho e a equipe do curso de graduação em Ciência e Terapia Ocupacional (docentes, supervisores e secretárias) foi bastante receptiva comigo, me integrando prontamente às atividades acadêmicas e de socialização, especialmente nos “*coffee time*”, momento de descontração com uma pequena pausa para o *cappuccino* e as conversas amenas.

O meu foco principal foi adquirir maior domínio na utilização do *Child Initiated Pretend Play Assessment* (ChIPPA) – Avaliação do Brincar de Faz de Conta Iniciado pela Criança, em diferentes faixas etárias e diversos contextos (escolares e comunitários). Outra experiência riquíssima foi a participação no programa de estimulação “*Learn to play*”, que tem como objetivo desenvolver habilidades em crianças para brincarem de faz de conta. Acompanhei o desenvolvimento deste programa com seis crianças, semanalmente, de março a dezembro. Inicialmente, minha participação foi como observadora; depois, passei a fazer registros dos comportamentos apresentados pelas crianças, a partir dos estímulos oferecidos pela Dra. Karen Stagnitti; após um mês, passei a participar como auxiliar nas intervenções; no terceiro mês, comecei a ajudar no planejamento das sessões; e, no quarto mês, passei a realizar algumas intervenções, tanto sozinha quanto em parceria com a Dra. Stagnitti. Por ser um programa novo, além de ter aprendido bastante, contribuí para a sistematização do mesmo.

O retorno para o Brasil foi prazeroso, principalmente por causa das saudades dos familiares. Por outro lado, deixar de conviver com uma pesquisadora tão competente e humana não foi fácil. É alentador que, apesar da distância, ainda fazemos parcerias em trabalhos científicos (PFEIFER et al., 2011a, 2011b, 2011c; PFEIFER; STAGNITTI; PANUNCIO PINTO, 2012).

Retomei minhas atividades na FMRP em janeiro de 2011 e, com o apoio da Profa. Dra. Lucila

Castanheira Nascimento, com quem tinha afinidade em projetos de extensão e pesquisa desde 2008, fui credenciada para orientar mestrands (junho de 2011) e a orientar doutorandos (2014), junto ao programa de pós-graduação em Enfermagem e Saúde Pública na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

Ainda em 2011, ministrei o módulo sobre “Paralisia Cerebral” no I Curso de Inverno de Neurociências do programa de pós-graduação em neurologia e, no segundo semestre, foi aprovada, pela comissão de pós-graduação, a criação da disciplina, por mim elaborada, “*Avaliações funcionais em neuropediatria*”, para ser ministrada a partir do primeiro semestre de 2012, dentro do programa de pós-graduação em neurologia. Neste mesmo ano, com o apoio da Profa. Dra. Carolina Rodrigues Funayama e do Prof. Dr. João Pereira Leite, fui credenciada como orientadora plena do Programa de Pós-Graduação em Neurologia (mestrado e doutorado), assumindo, imediatamente, a orientação da doutoranda Daniela Baleroni Rodrigues Silva (SILVA; PFEIFER; FUNAYAMA, 2010a, 2010b, 2013, 2015).

Em 2013, o projeto de pesquisa *Influência das funções motoras e cognitivas no brincar exploratório e no brincar de faz de conta de crianças pré-escolares com paralisia cerebral* foi aprovado no Edital Universal do CNPq, contando com a participação de três graduandas em iniciação científica e duas pós-graduandas. Paralelamente a este projeto, outros dois foram submetidos e aprovados em programas de fomentos internos na USP. Além disso, consegui o reconhecimento de minha trajetória ao ser contemplada com uma bolsa produtividade em Pesquisa, oferecida pelo CNPq, algo não tão comum na terapia ocupacional. Estes financiamentos, associados às verbas anuais da FAEPA, possibilitaram a ampliação dos equipamentos e da infraestrutura do LEPTOI, facilitando as pesquisas e novos estudos.

Tenho tido a oportunidade de orientar diversos alunos durante a graduação e, na pós-graduação, tenho orientado ex-alunos de graduação, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e enfermeiros. Estes estudos têm buscado contribuir para o cuidado de crianças com alteração de desempenho ocasionada por doenças e/ou pelos contextos. Assim, temos desenvolvido ou adaptado transculturalmente protocolos de avaliação e analisado a eficácia de algumas intervenções e recursos terapêuticos, sendo que maiores informações podem ser obtidas no *site* do laboratório (UNIVERSIDADE..., 2016).

8 Caminhando

Reverendo minha trajetória profissional, fica claro que a vida é repleta de oportunidades e surpresas, e temos que aproveitá-las. Muitas vezes, os problemas são estímulos para mudanças de percursos, que nos levarão a um local muito melhor. A resistência só leva à frustração e a flexibilidade possibilita alçar novos voos. Tenho colhido muitos frutos nesta caminhada profissional, mas isto só foi possível porque tive em minha vida excelentes jardineiros, que semearam boas sementes, cuidaram da terra, adubaram, eliminaram ervas daninhas... Familiares, professores, colegas de profissão, dentre outros, aos quais jamais conseguirei demonstrar toda a minha gratidão.

Com certeza, tudo não aconteceu por acaso e, portanto, só tenho de agradecer a Deus por me guiar neste caminho e ter apresentado um jardim tão belo. Diante disto, desejo ser uma boa jardineira para meus graduandos e orientandos, meus parceiros de sonho.

Referências

ANHÃO, P. P. G.; PFEIFER, L. I.; SANTOS, J. L. F. Imitation as component of social interaction in children with Down Syndrome in a school setting. In: KREBEL, R. (Ed.). *Prenatal diagnosis and screening for Down Syndrome*. Rijeka: Subrata Dey, 2011. p. 3-16.

ANHÃO, P. P. G.; PFEIFER, L. I.; SANTOS, J. L. Interação social de crianças com Síndrome de Down na educação infantil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 16, n. 1, p. 31-46, 2010.

CARDOSO, S. L. R.; PFEIFER, L. I. Crianças com crianças: o olhar infantil sobre a inclusão na educação física escolar. *Pesquisa em Saúde*, Belém, v. 4, p. 20-23, 2005.

CRUZ, D. M. C.; PFEIFER, L. I. A origem da terapia ocupacional: uma reflexão sobre os fatores históricos na prática profissional da modernidade. *Pesquisa em Saúde*, Belém, v. 3, p. 77-80, 2003.

CRUZ, D. M. C.; PFEIFER, L. I. Pesquisa na formação do terapeuta ocupacional: visões e perspectivas de 53 estudantes brasileiros. *Cadernos das Faculdades Integradas São Camilo*, São Camilo, v. 10, n. 1, p. 84-93, 2004.

CRUZ, D. M. C.; PFEIFER, L. I. Contribuciones de la investigación científica a la formación profesional: ¿qué piensan los estudiantes de terapia ocupacional? *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Chile, n. 7, p. 13-21, 2007.

EMMEL, M. L. G. *Interação não verbal: um estudo comparativo entre díades com crianças normais e com Síndrome de Down*. 1984. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1984.

EMMEL, M. L. G. *Interação social: a função da atividade*. 1990. 265 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

ESPINOSA, A. M. I.; PFEIFER, L. I. Análisis del desempeño ocupacional de un niño con transtorno por déficit de atención e hiperactividad. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Chile, v. 9, p. 67-76, 2009.

GARCIA, N. R.; PFEIFER, L. I.; PANUNCIO-PINTO, M. P. As caixas de histórias como estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil: a perspectiva de profissionais da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 169-177, 2012.

GARCIA-SCHINZARI, N. R. et al. Caixas de histórias como estratégia auxiliar do enfrentamento da hospitalização de crianças e adolescentes com câncer. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 569-577, 2014.

GRIGOLATTO, T. et al. Intervenção terapêutica ocupacional em CTI pediátrico: um estudo de caso. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 16, n. 1, p. 37-46, 2008.

LUCISANO, R. V. et al. Interação social de crianças pré-escolares com síndrome de down. *Revista do NUFEN*, Guamá, v. 3, n. 2, p. 97-115, 2011.

LUCISANO, R. V. et al. Interações sociais de crianças pré-escolares com Síndrome de Down durante atividades extra-curriculares. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 66, n. 1, p. 116-122, 2013.

MONTEIRO, R. P. A. et al. Validation of the functional and social performance - DSF-84 checklist: preliminary study. *Disability and Rehabilitation*, London, v. 35, n. 18, p. 1-7, 2013.

MONTEIRO, R. P. A. et al. Soccer practice on the functional and social performance of men with lower limb amputations. *Journal of Human Kinetics*, Poland, v. 43, p. 33-41, 2014.

PACCIULIO, A. M.; PFEIFER, L. I.; SANTOS, J. L. F. Preliminary reliability and repeatability of the Brazilian version of the Revised Knox Preschool Play Scale. *Occupational Therapy International*, London, v. 17, n. 2, p. 74-80, 2010.

PACCIULIO, A. M.; PFEIFER, L. I.; SANTOS, J. L. F. Adaptação Transcultural da Escala Lúdica Pré-Escolar de Knox: revisada para uso junto à população brasileira. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 149-160, 2012.

PEREIRA, A. P. et al. Habilidades funcionais de criança com síndrome da imunodeficiência adquirida. *Acta Fisiátrica*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 97-101, 2012.

PFEIFER, L. I. *Comprometimento motor e aquisição de habilidades cognitivas em crianças portadoras de sequelas de paralisia cerebral*. 1994. 163 f. Dissertação (Mestrado

- em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1994.
- PFEIFER, L. I. Comprometimento motor e aquisição de habilidades cognitivas. *Temas sobre Desenvolvimento*, São Paulo, v. 31, n. 6, p. 4-9, 1997.
- PFEIFER, L. I. *Trabalhando com a formação do terapeuta ocupacional reflexivo para atuar junto a crianças com atraso no desenvolvimento*. 1999. 121 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.
- PFEIFER, L. I. Aprendizagem baseada no problema: formando terapeutas ocupacionais reflexivos e críticos. *Pesquisa em Saúde*, Belém, n. 1, p. 23-32, 2000.
- PFEIFER, L. I. Trabalhando a formação de terapeutas ocupacionais reflexivos. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 103-111, 2001.
- PFEIFER, L. I. et al. Atividades lúdicas na avaliação psicomotora de pré-escolares. *Temas sobre Desenvolvimento*, São Paulo, v. 16, n. 91, p. 3-7, 2008.
- PFEIFER, L. et al. Habilidades de desempenho no brincar de crianças com paralisia cerebral. *Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral*, São Paulo, v. 5, n. 12, p. 4-11, 2011a.
- PFEIFER, L. I. et al. Cross-cultural adaptation and reliability of Child-Initiated Pretend Play Assessment (ChIPPA). *Canadian Journal of Occupational Therapy*, Ottawa, v. 78, n. 3, p. 187-195, 2011b.
- PFEIFER, L. I. et al. Play preference of children with ADHD and typically developing children in Brazil: a pilot study. *Australian Occupational Therapy Journal*, Australia, v. 58, n. 6, p. 419-428, 2011c.
- PFEIFER, L. I. et al. Pretend play of children with cerebral palsy. *Physical & Occupational Therapy in Pediatrics*, London, v. 31, n. 4, p. 390-402, 2011d.
- PFEIFER, L. I. et al. Estados emocionais de crianças em ambiente hospitalar. *Temas sobre Desenvolvimento*, São Paulo, v. 19, n. 104, p. 35-41, 2013.
- PFEIFER, L. I.; DEFINA, R. A. A. Dança como recurso terapêutico ocupacional junto a crianças com deficiência visual. *Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 22-33, 2008.
- PFEIFER, L. I.; MARTINS, Y. D.; SANTOS, J. L. F. A influência socioeconômica e de gênero no lazer de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 21-26, 2010.
- PFEIFER, L. I.; STAGNITTI, K. H.; PANUNCIO PINTO, M. P. Ocupação, bem-estar e satisfação de vida: a experiência de um modelo alternativo de estágio em terapia ocupacional na Austrália. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 557-566, 2012.
- PFEIFER, L. I.; ROMBE, P. G.; SANTOS, J. L. F. A influência socioeconômica e cultural no brincar de pré-escolares. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 19, n. 43, p. 249-255, 2009.
- PFEIFER, L. I.; SILVA, L. C. R. Elaboração, aplicação e avaliação do Protocolo de Triagem do Comportamento Motor (TriCoM) de crianças de 4 a 6 anos com sequelas de paralisia cerebral. *Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral*, São Paulo, v. 7, p. 1-17, 2008.
- PIMENTEL, R. A.; PFEIFER, L. I. LER/DORT em professoras do ensino fundamental: conhecer para prevenir. *Pesquisa em Saúde*, Belém, v. 4, p. 34-39, 2005.
- RABONI, T. E. C. R.; SILVA, M. F. M.; PFEIFER, L. I. Intervenção terapêutica ocupacional junto à criança com Distrofia Muscular de Duchenne (DMD): um estudo de caso. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 121-127, 2012.
- RAFAINI, P. G. C. et al. Estimulación temprana en enfermería pediátrica: el papel del terapeuta ocupacional. *TOG (A Coruña)*, Galicia, v. 9, n. 16, p. 1-11, 2012.
- SANT'ANNA, M. M. M. et al. *Instrumentos de avaliação do modelo lúdico para crianças com deficiência física (EIP - ACL): manual da versão brasileira adaptada*. São Carlos: ABPEE, M&M Editora, 2015.
- SANT'ANNA, M. M. M.; BLACCOVI-ASSIS, S. M.; MAGALHÃES, L. C. Adaptação transcultural dos protocolos de avaliação do Modelo Lúdico. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 34-47, 2008.
- SANTOS, C. A.; PACCIULIO, A. M.; PFEIFER, L. I. Influência do contexto familiar no brincar simbólico de crianças com paralisia cerebral. *Revista do NUFEN*, Belém, v. 2, n. 2, p. 3-20, 2010.
- SANTOS, T. R. et al. Avaliação do comportamento lúdico de crianças com paralisia cerebral. *Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 18-25, 2011.
- SILVA, D. B. R.; PFEIFER, L. I.; FUNAYAMA, C. A. R. *Sistema de classificação da função motora grossa ampliada e revisito*. Hamilton, 2010a.
- SILVA, D. B. R.; PFEIFER, L. I.; FUNAYAMA, C. A. R. *Manual Ability Classification System Sistema de Classificação da Habilidade Manual para crianças com paralisia cerebral 4-18 anos*. Estocolmo, 2010b.
- SILVA, D. B. R.; PFEIFER, L. I.; FUNAYAMA, C. A. R. Gross Motor Function Classification System Expanded & Revised (GMFCS E & R): reliability between therapists and parents in Brazil. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Carlos, v. 17, n. 5, p. 458-463, 2013.
- SILVA, D. B. R.; PFEIFER, L. I.; FUNAYAMA, C. A. Manual Ability Classification System (MACS): reliability between therapists and parents in Brazil. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Carlos, v. 19, n. 1, p. 26-33, 2015.

SILVA, M. A.; PFEIFER, L. I. Reabilitação pulmonar de crianças com fibrose cística do estado do Pará. *Fisioterapia em Movimento*, Curitiba, v. 20, n. 4, p. 73-81, 2007.

TOYODA, C. Y. *Implicações da perda da percepção tátil dos pacientes hansenianos no relacionamento com ambiente e na interrelação pessoal*. 1987. 225 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. *Laboratório de Ensino e Pesquisa de Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência – LEPTOI*. Ribeirão Preto, 2016. Disponível em: <<http://leptoi.fmrp.usp.br/>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

VALDÍVIA LUCISANO, R. et al. Skills and social interaction of children with Down's syndrome in regular education. *International Medical Review on Down Syndrome*, Barcelona, v. 17, n. 2, p. 29-34, 2013.

Notas

¹ Em 1994, a FEP passou a ser denominada de Universidade do Estado do Pará.

² Algumas ruas de Belém são arborizadas por mangueiras, sendo uma memória de nosso passado.

³ Na FMRP-USP, não existe oficialmente a função de co-orientação no mestrado; desta forma, atuei informalmente, mas este foi um processo riquíssimo de aprendizagem.